



ANTES

Nos anos 70, Luciana e Lavínia vestidas para a festa junina na 307 Sul. As horas embaixo dos prédios fortaleceram a amizade das duas, que continua até hoje.

DEPOIS

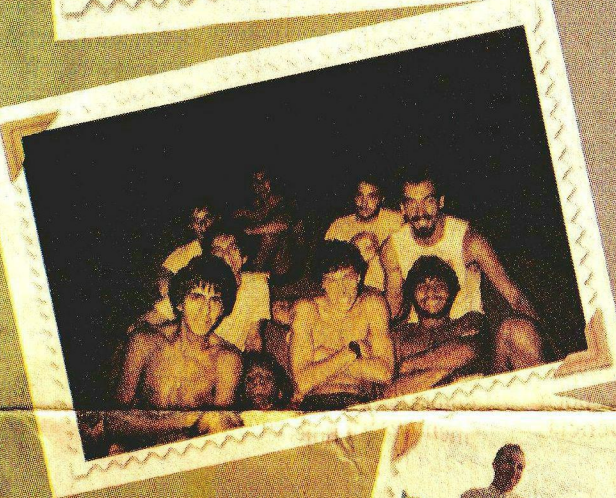
Hoje, as duas amigas brincam com a filha de Luciana na mesma quadra. Revivem a infância ao passear pela 307 Sul. Nem pensam em mudar de Brasília.



Na foto antiga, os meninos da 312 Sul aparecem na inauguração no primeiro campo de futebol. Quase 30 anos depois, reencontram-se no banquinho do prédio onde passaram muitas noites conversando e tocando violão.



Quase 50 pessoas que se conheceram no colégio Laser e se encontravam embaixo do prédio da 213 Sul continuam amigas até hoje. Saudades do tempo da vaquinha para comprar o dodge que chegou a caber 18 pessoas.



NOSSAS HISTÓRIAS DEBAIXO DO BLOCO

Ana Dubeux, Cristine Gentil e Carlos Alexandre (texto)

Sérgio Amaral (fotos)

Da equipe do Correio

Ao alcance da vista, eles pareciam estar sob controle. Da janela, as mães podiam ver os filhos no descampado das quadras ou num simples grito vê-los saindo debaixo do bloco e lançando seus olhares pra cima. Era o anúncio de mais algumas horas de tranqüilidade que uma invenção arquitetônica chamada *pilotis* proporcionou às famílias transferidas para Brasília. Talvez o que nem o urbanista Lúcio Costa imaginasse, ao criar o conceito da superquadra formada por blocos, era que estava fixando ali os limites da infância candanga.

Debaixo do bloco era o lugar mais seguro. Era o ponto de encontro. Mas aqueles meninos e meninas que nasceram ou chegaram nos primeiros anos de Brasília não obedeciam cegamente ao script materno. Saíram das asas arquitetônicas de Lúcio Costa e exploraram a cidade como ninguém mais fez. Perpetuaram na memória as aventuras, brincadeiras e personagens da Brasília em construção.

Representam um tempo que nunca foi escrito nem narrado com uma formalidade que exigisse além de uma mesa de bar e um copo de cerveja. Hoje, eles têm entre 30 e 50 anos. Viveram fases diferentes da construção, mas têm histórias semelhantes pra contar. Basta soltar alguma palavra-chave para que eles desfiem suas lembranças. Pode ser Pigale, Chaplin, búlica, finca, dodge polara, caseb, *graminha*. Referências que marcaram a vida nas quadras do Plano Piloto. Nas asas Norte e Sul, eles encontraram um terreno fértil para uma infância e adolescência saudáveis.

Os moradores da Asa Sul chegaram mais cedo. Alguns já pegaram quadras em fase adiantada da construção. Assistiram outros prédios sendo levantados. Na Asa Norte, no final dos anos 60 ainda havia muito lugar ermo e poucos edifícios. A disparidade de infra-estrutura deu vazão à criatividade dos meninos da 312 Norte. "Chamávamos de Asa Morte e Asa Susto. Eram dois mundos diferentes. Quando

o pessoal chegava na Asa Sul tomava um susto de ver tanta coisa. Na Asa Norte não tinha quase nada", conta Zelito Passos, criado na quadra, onde os primeiros prédios abrigavam moradores do Instituto Brasileiro do Café (IBC).

Até os 12 anos de Zelito, só havia a 312 e 306 na Asa Norte. "Lembro muito bem que nas 400 só tinha argila. Íamos até a beira do lago e afundávamos até a cintura", recorda-se o músico e produtor cultural.

Ainda que o ritmo das obras fosse diferente nos dois eixos, aqueles meninos e meninas guardam as semelhanças que caracterizam a geração. Brincavam com materiais de construção e riscavam o asfalto com o giz das obras. Os vergalhões de ferro bastavam para jogar *Finca*. Madeiras serviam para improvisar os tacos de *Bete*. O terreno barrento e acidentado virou pista de bicicross.

Não faltava espaço para os torneios de bolinha de gude, nas modalidades búlica e triangular. Nem para os jogos de futebol, febre na meninada, que lhes conferiu o apelido de *canelas vermelhas* porque as pernas ficavam coloridas de barro. Quando se pensava que a grama plantada na Asa Sul daria um refresco aos meninos, apareceu a lendária figura dos *graminhas*, os fiscais do Departamento de Parques e Jardins que zelavam pelos gramados. "Eles chegavam na surdina, ficavam escondidos e levavam as bolas. Depois, pegamos a manha: um sempre ficava de vigília", conta Rogério Villas Boas, atual presidente da CEB, que chegou na 106 Sul aos dois anos, em 1960.

Rogério viveu tudo que os primeiros anos de Brasília puderam proporcionar. Do susto ao ver os tanques na rua em 1964 às aventuras no lago ainda parcialmente povoado. "Eu tinha seis anos quando estourou o golpe e lembro da minha família gritando pra eu subir porque a polícia estava chegando", recorda-se.

Apesar da ditadura militar, o que ditou as regras da infância e da adolescência nos anos 60 foi a liber-

dade. "Lembro de algumas vezes que fomos dar uma volta no lago de Monark e Caloi. Não havia quase nada no lago. Levamos um dia inteiro para dar a volta. A base era a casa da mãe do (Nelson) Piquet, dona Clotilde. A gente parava lá para descansar e tomar suco", conta Rogério.

PEGAS NO CASEB E DOMINGO NO PARQUE

As rixas entre as quadras já eram corriqueiras na época. "Mas era uma coisa inocente. Saía uns murros, jogava ovo, mas não tinha essa violência de hoje. Era um problema namorar alguém da quadra rival. E quando isso acontecia, a gente tinha que dar uma volta enorme para não passar por dentro da quadra", diverte-se Rogério.

Ele é da época dos campeonatos de futebol, das boates do Iate e Cota Mil, do burburinho no Chaplin, do auge do Gilberto Salomão, dos pegas no Caseb e no buraco do tatu. Do tempo em que o fim de noite era no bar *Só Canas*, onde se tomava a fórmula do dia, mistura das batidas que sobravam.

Wagner Canhedo Filho, hoje empresário, também viveu tudo isso. Resume o sucesso da geração criada nas superquadras: "Naquela época, havia a necessidade de ser amigo. Não tinha nada pra fazer. O pessoal das 700 mudava muito porque as casas não eram funcionais, mas a amizade ficava".

Ele e os quatro irmãos cresceram na 705 Sul, mas tinham amigos em outras quadras também. Ainda lembra da principal aventura da época: os pegas. Muita gente se aglomerava para ver a performance dos carros envenenados. Era tempo de Fusca, Dodge Polara, Maverick com motor de Mustang, Passat TS.

"No Caseb, eu olhava. Mas nos pegas do buraco do Tatu até o Hotel Nacional, já ia com meu fusca 1.200. A polícia prendia os carros, mas havia uma certa tolerância", admite.

Os pegas também estão nas lembranças da turma da 213 Sul. O point deles era em frente ao bloco F.

Ali, 11 meninos acertaram a vaquinha para comprar o Dodge batizado de Zartan. Apenas dois tinham carteira de motorista e perambulavam pelas ruas de Brasília movidos a R\$ 6 de gasolina. Colocavam até 18 adolescentes dentro do Dodge. Qualquer aperto, recorriam a *Claudete Soares*, a caixa de ferramentas.

"Todas as vezes que a gente se encontra é como uma viagem no tempo", resume o publicitário George Schafför. Ainda hoje, ele, Tuin, Juju, Coelho e Célia, Bela, Ari, Tutu, Bacharel, Joaquim e mais umas 40 pessoas continuam reproduzindo um ritual de gargalhadas a cada encontro. A maioria se conheceu no colégio Laser. Debaixo de prédios, fortaleceram os laços de amizade. Lembram com saudades do *Domingo no Parque*, um programa que nada tinha de inocente. Era às 3h da manhã no parquinho da quadra, depois de tomar todas. "Os nossos filhos também cresceram amigos", completa Juliana Sartori, a Juju.

A arquiteta Maria Elisa Costa, herdeira do legado de Lúcio, diz que esse é o segredo da proposta do pai. "Ele não pensou apenas em criar uma escala residencial que tivesse uma cara diferente das cidades tradicionais, e sim que propiciasse um novo tipo de convívio urbano", diz. "Descer em Brasília tem um significado próprio, e as crianças criaram imediatamente seu modo de conviver, livre, aberto, generoso, sem os preconceitos usuais na classe média", completa.

Ainda em 1967, Lúcio Costa parecia plenamente satisfeito com sua criação. Tanto que assim escreveu: "... a verdade é que Brasília existe onde há poucos anos só havia deserto e solidão; a verdade é que é que a cidade já é acessível dos pontos extremos do país; a verdade é que a vida brota e a atividade se articula ao longo dessas novas vias; a verdade é que seus habitantes se adaptam ao estilo novo de vida que ela enseja, e que as crianças são felizes, lembrança que lhes marcará a vida para sempre..."